

R E L A T Ó R I O

INAF 2009

INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL
PRINCIPAIS RESULTADOS



inaf
INDICADOR DE
ALFABETISMO FUNCIONAL

 ação
educativa

10 anos
AÇÃO DO IBOPE PELA EDUCAÇÃO **instituto**
paulo montenegro

ÍNDICE

4 APRESENTAÇÃO

5 METODOLOGIA

9 RESULTADOS INAF BRASIL 2009

9 EVOLUÇÃO DO ALFABETISMO
NO BRASIL NO PERÍODO 2001–2009

12 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIDADE
NO ALFABETISMO FUNCIONAL

16 O COMPORTAMENTO POR FAIXAS
ETÁRIAS NO PERÍODO 2001–2009

19 HOMENS E MULHERES

20 RENDA E PARTICIPAÇÃO
NA CULTURA ESCRITA

22 OPORTUNIDADES E PERSPECTIVAS

24 OS ORGANIZADORES

EQUIPE

AÇÃO EDUCATIVA

Vera Masagão Ribeiro (coordenação)
Luis Serrão

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO

Ana Lucia Lima (coordenação)
Fernanda Cury
Marisa de Castro Villi

IBOPE INTELIGÊNCIA

Márcia Cavallari
Hélio Gastaldi
Rosi Rosendo
Rita Oliveira
Equipe de Campo
Equipe de Estatística
Equipe de Processamento de Dados

CONSULTORES

Professora Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca
Universidade Federal de Minas Gerais
Professor Tufi Machado Soares
CAED/Universidade de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

IBOPE Mídia (Affonso Barrella e equipe)

AÇÃO EDUCATIVA

Rua General Jardim 660 - Vila Buarque
01223-010 - São Paulo - SP - Brasil
Fone: +55 11 3151-2333
www.acaoeducativa.org
comunica@acaoeducativa.org

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO

Alameda Santos, 2101 - Cerqueira César
01419-002 - São Paulo - SP - Brasil
Fone: +55 11 3066-1708
www.ipm.org.br
ipm@ibope.com.br

APRESENTAÇÃO

O Instituto Paulo Montenegro e a Ação Educativa – parceiros na criação e implementação do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) – organizaram o presente relatório para apresentar as análises e interpretações dos resultados da mais recente mensuração dos níveis de alfabetismo da população adulta brasileira, realizada no segundo semestre de 2009.

Realizado desde 2001, o Inaf Brasil é baseado em entrevistas e testes cognitivos aplicados em amostras nacionais de 2.000 pessoas representativas dos brasileiros e brasileiras entre 15 e 64 anos de idade, residentes em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do país.

A divulgação de indicadores de desempenho escolar como a Prova Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e outros de âmbito estadual e municipal vêm alimentando o debate público sobre a qualidade dos sistemas de ensino.

Se por um lado todos comemoram a ampliação das oportunidades educacionais, ocorrida nas últimas décadas, é cada vez mais generalizada a preocupação com os níveis insuficientes de aprendizagem que os indicadores revelam. Muitas iniciativas, nos âmbitos governamental e não governamental, têm sido postas em marcha para transformar o direito de acesso à escola no efetivo direito a aprender, na escola e ao longo de toda a vida.

O Inaf Brasil busca contribuir trazendo dados complementares e inéditos, focados não apenas naqueles que frequentam a escola e sim na população adulta como um todo, estimulando a promoção de ações e políticas públicas que permitam a incorporação de crescentes parcelas de brasileiros à cultura letrada, à sociedade da informação, à participação social e política e ao leque de oportunidades de trabalho digno, responsável e criativo.

METODOLOGIA

O Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf Brasil – foi publicado anualmente entre 2001 e 2005, focalizando alternadamente habilidades de leitura/escrita (2001, 2003 e 2005) e habilidades matemáticas (2002 e 2004).



No ano de 2006, a metodologia do Inaf Brasil foi aperfeiçoada com a introdução da Teoria da Resposta ao Item (TRI)¹. Uma série de análises realizadas a partir dos dados disponíveis possibilitou a construção de uma escala única – a escala de alfabetismo – integrando as habilidades de leitura e escrita (letramento) com as de matemática (numeramento). A partir de 2007, essas duas dimensões do alfabetismo passaram a ser mensuradas de forma integrada e simultânea, de modo a produzir um indicador mais sintético e abrangente.

Os itens que compõem o teste de alfabetismo envolvem a leitura e interpretação de textos do cotidiano (bilhetes, notícias, instruções, textos narrativos, gráficos, tabelas, mapas, anúncios, etc.). Além do teste, aplica-se um questionário que aborda as características sociodemográficas e as práticas de leitura, de escrita e de cálculo que os sujeitos realizam em seu dia a dia.

1) A Teoria da Resposta ao Item (TRI) é uma técnica estatística que propõe modelos teóricos que representam o comportamento das respostas atribuídas a cada uma das questões como uma função da habilidade do indivíduo. Em outras palavras, cada questão do teste tem seu grau de dificuldade definido *a priori* e a pontuação (proficiência) de cada indivíduo respondente varia de acordo com o grau de dificuldade das questões que foi capaz de responder corretamente. Esta metodologia psicométrica é também utilizada em testes promovidos pelo MEC (Ministério da Educação), como o SAEB/Prova Brasil e Enem e em estudos internacionais semelhantes, como os

realizados pela OECD (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) e UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação). A OECD conduz o *International Adult Literacy Assessment* (IALS), uma iniciativa que, entre 1994 e 1998, recolheu dados comparativos de 19 países, quase todos na Europa e América do Norte. Em 2005, a UNESCO Canadá passou a conduzir uma iniciativa visando adaptar a mesma metodologia de estudo do alfabetismo para países com índices mais baixos de escolarização, o *Literacy Assessment and Monitoring Programme* (LAMP).

O Inaf define **Quatro níveis de alfabetismo**

■ --- **Analfabetismo** ---

Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases, ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.).

pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, leem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações.

■ --- **Alfabetismo nível rudimentar**

Corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica.

Alfabetismo nível pleno ■ ---

Classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos.

■ --- **Alfabetismo nível básico** ---

As pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas,

Os níveis de alfabetismo definidos descrevem as habilidades medidas por meio da escala de alfabetismo, que inclui leitura, escrita e matemática. Foram mantidas também subescalas, relativas a cada um dos domínios – o letramento e o numeramento –, de modo a possibilitar estudos com foco específico.

Para construir as séries históricas apresentadas neste relatório, foram consideradas as médias móveis de 2 em 2 anos para o período 2001–2005, uma vez que, até então, as habilidades de letramento e numeramento eram medidas separadamente, em anos alternados. O procedimento melhora a comparabilidade dos índices desses anos com os dados de 2007 e 2009, em que os dois domínios foram testados simultaneamente.

Nos levantamentos do Inaf Brasil, o intervalo de confiança estimado é de 95% e a margem de erro máxima estimada é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, sobre os resultados encontrados no total da amostra. A definição de amostras, a coleta de dados e seu processamento são feitos por especialistas do IBOPE Inteligência que, com o mesmo rigor com que realizam seus demais trabalhos, oferecem esses serviços em apoio à ação social realizada pelo Instituto Paulo Montenegro.

Para o desenvolvimento dos instrumentos de medição de habilidades, assim como para a interpretação dos resultados, o Inaf conta com a *expertise* da Ação Educativa – organização que há quinze anos desenvolve projetos de pesquisa e intervenção no campo da alfabetização e educação de jovens e adultos – além da contribuição de especialistas de importantes centros universitários do país.

RESULTADOS INAF BRASIL 2009



EVOLUÇÃO do Alfabetismo no Brasil no Período 2001–2009

Os resultados do Inaf Brasil ao longo do período 2001–2009 mostram que esforços voltados ao aumento do acesso e permanência na escola, além de uma ampliação da matrícula nos cursos superiores, têm produzido resultados na melhoria das capacidades de alfabetismo da população brasileira. Mostram, entretanto, que além de ampliar o acesso, é preciso investir na qualidade para que a escolarização garanta de fato as aprendizagens necessárias para uma inserção autônoma e responsável na sociedade contemporânea.

A tabela a seguir mostra a evolução do indicador para o conjunto da população brasileira de 15 a 64 anos, ao longo do período 2001–2009, lembrando que para o período 2001–2005 são utilizadas médias móveis para assegurar a comparabilidade dos dados.

INAF BRASIL - Evolução do Indicador de

Alfabetismo

(População de 15 a 64 anos)

	2001	2002	2003	2004	2007	2009
	2002	2003	2004	2005		
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	7%
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	20%
Básico	34%	36%	37%	38%	38%	46%
Pleno	26%	25%	25%	26%	28%	27%

Com efeito:

- A proporção dos brasileiros de 15 a 64 anos classificados pelo Inaf como “analfabetos absolutos” vem caindo ao longo dos anos, totalizando 7% no mais recente levantamento. O mesmo vem ocorrendo com a parcela de indivíduos classificados no nível rudimentar de alfabetismo, equivalente, em 2009, a 20% da população na faixa etária considerada.

- Destaca-se ainda o contínuo crescimento do nível básico, que passou de 34% em 2001–2002 para 46% em 2009, com um notável crescimento na medida mais recente.

- O nível pleno, no entanto, não tem mostrado uma tendência de melhora, oscilando, desde 2001–2002, por volta de ¼ do total de brasileiros dessa faixa etária.

Uma maneira mais sintética de descrever a evolução deste indicador consiste em agrupar os dois primeiros níveis, analfabetos absolutos e alfabetizados em nível rudimentar como **Analfabetos Funcionais**, enquanto que os indivíduos classificados nos níveis básico e pleno constituem o grupo dos **Alfabetizados Funcionalmente**.

A tabela abaixo mostra que entre 2001–2002 e 2009, o percentual de analfabetos funcionais entre os brasileiros de 15 a 64 anos diminuiu 12 pontos percentuais:

INAF BRASIL - Evolução do Indicador de

Alfabetismo

(População de 15 a 64 anos)

	2001 2002	2002 2003	2003 2004	2004 2005	2007	2009
Analfabeto/Rudimentar Analfabetos Funcionais	39%	39%	38%	37%	34%	27%
Básico/Pleno Alfabetizados Funcionalmente	61%	61%	62%	63%	66%	73%

De uma forma ainda mais sintética, podemos observar a evolução por meio do escore médio, ilustrado no gráfico abaixo. O escore é uma espécie de "nota" calculada com base no

desempenho no teste. Da forma como foram construídas as escalas, os escores ficam quase todos no intervalo de 0 a 200, sendo o 100 o ponto médio.

Evolução do

Escore Médio de Alfabetismo





Internacionalmente, as medidas de alfabetismo funcional tomam por base os anos de estudo da população, considerando analfabetos funcionais as pessoas que não completaram pelo menos a 4ª série (5º ano) do ensino fundamental.

Supostamente, ao completar esta série, os alunos já deveriam dominar habilidades básicas de alfabetismo. Analogamente, espera-se que ao concluir o ensino fundamental (8ª série/9º ano), tais habilidades atinjam um desenvolvimento que permita uma inserção mais plena na cultura letrada. Ainda estamos longe desta realidade, como veremos a seguir.

A IMPORTÂNCIA DA **ESCOLARIDADE** NO ALFABETISMO FUNCIONAL

Os dados de 2009 mais uma vez confirmam que a escolarização é, de fato, o principal fator de promoção das habilidades de alfabetismo da população. Quanto maior o nível de escolaridade, maior a chance de atingir bons níveis de alfabetismo funcional. Entretanto, os resultados mostram também que nem sempre o nível de escolaridade garante o nível de habilidades que seria esperado.

ESCOLARIDADE

Nível de Alfabetismo Segundo a Escolaridade (População de 15 a 64 anos, Brasil - 2009)

	NENHUMA	1ª À 4ª SÉRIE	5ª À 8ª SÉRIE	ENSINO MÉDIO	ENSINO SUPERIOR
Analfabeto	66%	9%	0%	0%	0%
Rudimentar	29%	43%	24%	5%	1%
Básico	4%	42%	60%	54%	29%
Pleno	1%	6%	17%	41%	71%
Analfabetos Funcionais	95%	52%	24%	5%	1%
Alfabetizados Funcionalmente	5%	48%	76%*	95%	99%*

* Diferenças decorrentes de arredondamento.

- Entre os brasileiros que nunca foram à escola ou não chegaram a completar a 1ª série, 66% são analfabetos absolutos e 95% são analfabetos funcionais.

- A **maioria** dos brasileiros entre 15 e 64 anos que estudaram da 1ª à 4ª série (52%) atingem **no máximo o grau rudimentar** de alfabetismo, ou seja, possuem no máximo a habilidade de localizar informações explícitas em textos curtos ou efetuar operações matemáticas simples, mas não são capazes de compreender textos mais longos, localizar informações que exijam alguma inferência ou

mesmo definir uma estratégia de cálculo para a resolução de problemas.

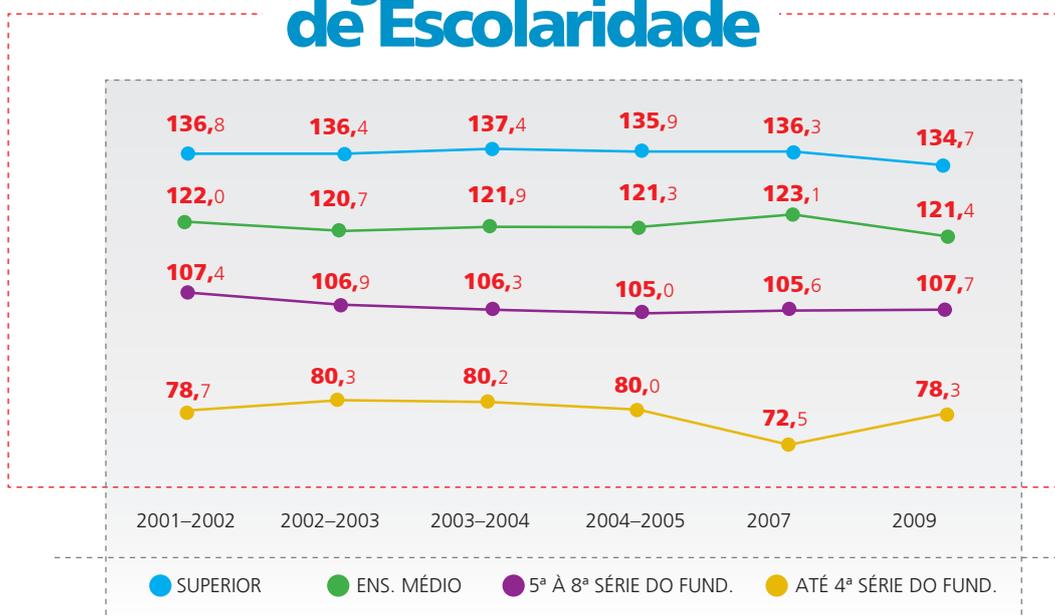
- E ainda mais grave: 9% destes indivíduos podem ser considerados **analfabetos absolutos** em termos de habilidades de leitura/escrita, não conseguindo nem mesmo decodificar palavras e frases, ainda que em textos simples, ou apresentam grandes dificuldades em lidar com números em situações do cotidiano, **apesar de terem cursado de 1 a 4 anos do Ensino Fundamental**.

- Dentre os que cursam ou cursaram da **5ª à 8ª série**, apenas 17% podem ser considerados plenamente alfabetizados. Chama mais a atenção o fato de que **24% dos que completaram entre 5 e 8 séries do Ensino Fundamental ainda permaneçam no nível rudimentar**, com sérias limitações tanto em termos de suas habilidades de leitura/escrita quanto em matemática.
- Somente 41% dos que cursaram alguma série ou completaram o **Ensino Médio** atingem o nível pleno de alfabetismo (esperado para 100% deste grupo).
- Somente entre os que chegaram ao **Ensino Superior** é que prevalecem (71%) os indivíduos com **pleno domínio das habilidades de leitura/escrita e das habilidades matemáticas**.

Muitas pessoas costumam dizer que a escola de antigamente era melhor, que pessoas com primário ou ginásio aprendiam muito mais do que hoje em dia. Entretanto, é preciso lembrar que, antigamente, mesmo o primário e, principalmente, o ginásio não eram acessíveis a toda a população. O ensino Médio e Superior eram exclusivos das elites.

À medida que o Ensino Fundamental se universaliza, pessoas com menos recursos vão à escola, enfrentando maiores desafios para aprender, por conta tanto de condições de vida mais precárias como de um ensino empobrecido. Têm sido necessários tempo e esforços dos sistemas de ensino para que a ampliação do acesso se reverta também em ampliação da aprendizagem.

Evolução dos Escores Médios Segundo o Nível de Escolaridade



Observando o que ocorre no período abrangido pelo Inaf, nota-se que:

- Entre as pessoas com Ensino Fundamental completo ou incompleto (5ª-8ª série), o escore médio veio baixando até 2004-2005, começando a melhorar nos anos seguintes. Aqui, começa-se a combinar progresso no acesso com progresso nas aprendizagens.
- As duas linhas superiores do gráfico mostram que ter Ensino Médio ou Superior sempre representou um acréscimo

importante quanto à proficiência de alfabetismo em relação aos que não atingem estes níveis de escolaridade. Entretanto, nestes patamares nos quais a ampliação do acesso é recente, o Inaf registra diminuição do nível de competência correspondente. Isso quer dizer que ter o Ensino Médio ou Superior em 2009 significa um pouco menos em termos de habilidades de alfabetismo do que em 2001-2002.

Os dados, no seu conjunto, reforçam a importância de investir na qualidade da educação escolar em todos os níveis.

O COMPORTAMENTO POR FAIXAS ETÁRIAS NO PERÍODO 2001-2009

A informação revelada pelo Inaf Brasil, quando analisada a evolução dos níveis de alfabetismo de acordo com diferentes grupos etários, é muito interessante:

% de 15 a 24 anos

	01	02	03	04	07	09
Analfabeto	3	2	2	3	3	2
Rudimentar	19	19	18	18	14	13
Básico	43	44	45	46	46	50
Pleno	35	35	35	33	37	35
Analfabetos Funcionais	22	21	20	21	17	14
Alfabetizados Funcionalmente	78	79	80	79	83	86

Pontos percentuais de melhoria **8**

% de 25 a 34 anos

	01	02	03	04	07	09
Analfabeto	7	7	6	4	4	3
Rudimentar	26	23	23	23	22	14
Básico	35	40	42	42	39	48
Pleno	32	30	29	30	35	35
Analfabetos Funcionais	33	30	28	28	26	17
Alfabetizados Funcionalmente	67	70	72	72	74	83

Pontos percentuais de melhoria **16**

% de 35 a 49 anos

	01	02	03	04	07	09
Analfabeto	15	15	14	13	12	6
Rudimentar	31	32	32	31	28	24
Básico	32	33	33	34	35	45
Pleno	22	20	21	22	24	25
Analfabetos Funcionais	46	47	46	44	40	30
Alfabetizados Funcionalmente	54	53	54	56	60	70

Pontos percentuais de melhoria **16**

% de 50 a 64 anos

	01	02	03	04	07	09
Analfabeto	29	32	31	27	20	20
Rudimentar	37	34	32	34	39	31
Básico	23	23	25	26	29	39
Pleno	11	11	11	13	12	10
Analfabetos Funcionais	66	67	64	62	59	51
Alfabetizados Funcionalmente	34	33	36	38	41	49

Pontos percentuais de melhoria **15**

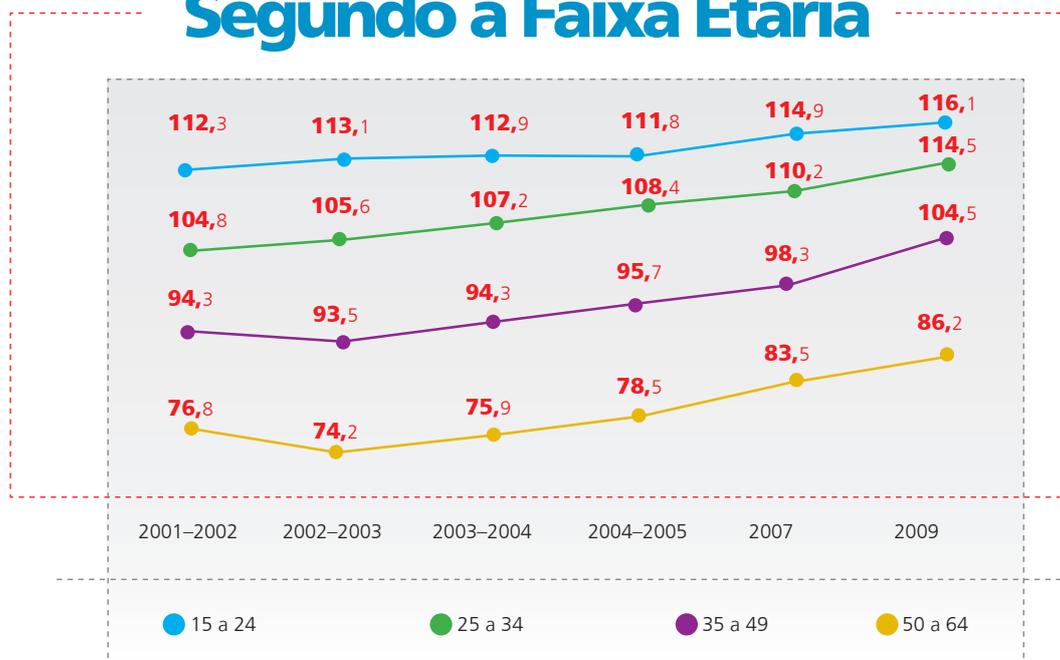
- Em primeiro lugar, pode-se observar que a alfabetização funcional é preponderante nas gerações mais novas. Em 2009, por exemplo, são 86% entre os jovens de 15 a 24 anos e 83% entre os adultos de 25 a 34. Já entre os adultos mais velhos, entre 35 e 49 anos, o índice é de 70% e entre os de 50 a 64 anos, de apenas 49%. Este é mais um dado que confirma o efeito positivo da universalização do Ensino Fundamental.

- Por outro lado, observa-se que a evolução entre 2001–

2002 e 2009 foi bem maior entre as faixas com mais de 25 anos (entre 15 e 16 pontos percentuais), enquanto que para os jovens de 15 a 24 a melhora foi de somente 8 pontos.

O gráfico a seguir mostra a mesma tendência nos escores médios por faixa etária. Entre os mais velhos, de 50 a 64 anos, a média aumenta 9,4 pontos entre 2001–2002 e 2009. Entre pessoas de 35 a 49 o aumento é de 10,2 pontos. Os adultos de 25 a 34 têm aumento de 9,7 e os jovens de 15 a 24 avançam apenas 3,8 pontos.

Evolução dos Escores Médios Segundo a Faixa Etária



Este fato pode ser resultado de diversos fatores:

- Forte incremento da taxa de escolarização entre os grupos mais velhos, com a chegada a esta faixa etária das primeiras gerações que se beneficiaram da ampliação da escolarização.

- Ampliação das oportunidades de escolarização de adultos mais velhos.

- Ampliação de oportunidades não formais de aprendizagem no universo do trabalho ou das práticas culturais em que se inserem os adultos.

HOMENS E MULHERES

No Brasil, as mulheres têm, em média, uma escolaridade superior à dos homens. Nas avaliações escolares, as mulheres também revelam um desempenho melhor em leitura e desvantagem em matemática. Os dados do Inaf mostram que – ao combinarmos estes dois domínios – há um relativo equilíbrio entre os dois gêneros, com uma ligeira vantagem para as mulheres.

% Homens (15 a 64 anos)

	01	02	03	04	07	09
Analfabeto	12	13	12	12	10	7
Rudimentar	27	26	25	24	26	21
Básico	34	37	38	38	37	45
Pleno	27	24	25	27	27	27
Analfabetos Funcionais	40	39	37	36	36	28
Alfabetizados Funcionalmente	60	61	63	64	64	72

Pontos percentuais de melhoria **12**

% Mulheres (15 a 64 anos)

	01	02	03	04	07	09
Analfabeto	12	13	11	10	9	7
Rudimentar	27	26	26	28	23	19
Básico	35	36	37	38	39	47
Pleno	26	25	26	24	28	27
Analfabetos Funcionais	39	39	37	38	33	26
Alfabetizados Funcionalmente	61	61	63	62	67	74

Pontos percentuais de melhoria **13**

Com efeito:

- Enquanto 74% das brasileiras entre 15 e 64 anos atingem os níveis básico e pleno de alfabetismo em 2009, este mesmo patamar é alcançado por 72% dos homens na mesma faixa de idade.
- Ambos os grupos vêm evoluindo de maneira equivalente no período 2001–2009.

RENDA E PARTICIPAÇÃO NA CULTURA ESCRITA

Como era de se esperar, a renda da família é um fator determinante na distribuição do alfabetismo. Famílias com maior nível de renda têm ou tiveram, em sua grande maioria, acesso a maiores níveis de escolarização há várias gerações, além de maior oportunidade de acesso à informação e à cultura. Além disso, têm acesso a escolas de melhor qualidade, principalmente as particulares, mas também as públicas situadas nos melhores bairros.

O quadro a seguir mostra que o analfabetismo funcional predomina entre pessoas pertencentes a famílias com renda de até um salário mínimo, sendo que 20% deste grupo estão no nível de analfabetismo absoluto. Em contraste, o nível pleno de alfabetismo é majoritário somente na faixa de renda familiar acima de cinco salários mínimos.

Nível de Alfabetismo Segundo a Renda Familiar (Em salários mínimos)

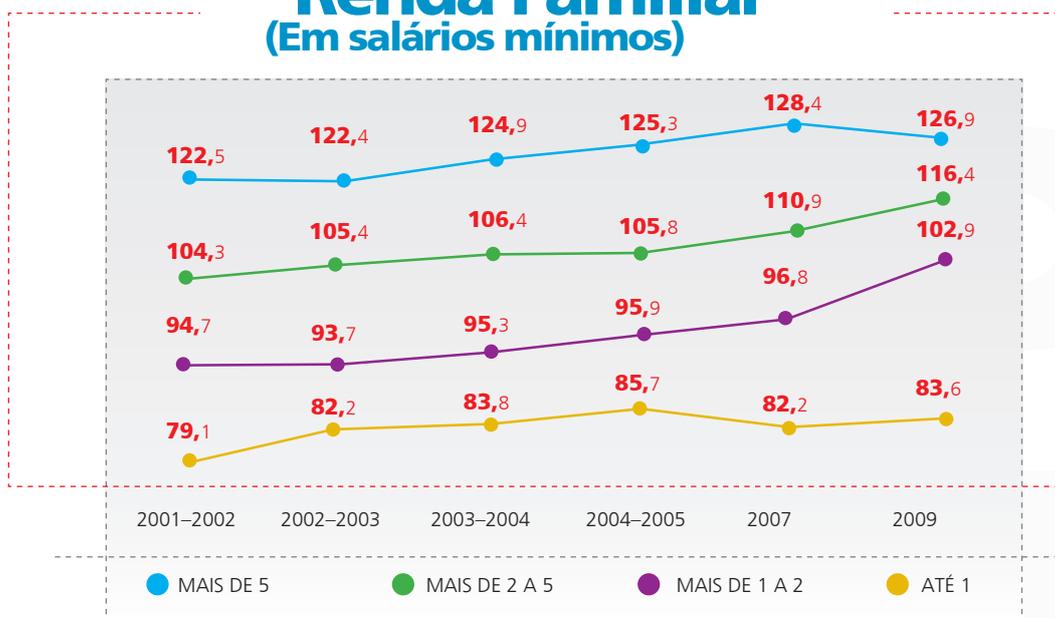
(População de 15 a 64 anos, Brasil - 2009)

	MAIS DE 5	MAIS DE 2 A 5	MAIS DE 1 A 2	ATÉ 1
Analfabeto	0%	1%	7%	20%
Rudimentar	6%	13%	24%	34%
Básico	38%	51%	48%	37%
Pleno	57%	34%	21%	9%
Analfabetos Funcionais	6%	15%	31%	54%
Alfabetizados Funcionalmente	94%	85%	69%	46%

O comparativo das médias ao longo do período de 8 anos observado pelo Inaf, mostra que essas diferenças, ainda que permaneçam em nível preocupante, vêm diminuindo. Os escores médios dos grupos com menos de 5 salários mínimos subiram nos últimos anos. Este é um indício

de que os sistemas públicos de ensino estão fazendo a diferença, fator que certamente estará associado a melhores oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para os que pertencem a famílias de baixa renda.

Evolução do Escore Médio Segundo a Renda Familiar (Em salários mínimos)



DADADI

OPOR TUNI DADES E PERS PECTI VAS



O Inaf vem sendo crescentemente considerado como uma ferramenta extremamente valiosa no diagnóstico e monitoramento da situação educacional de populações específicas. Bons exemplos disto são o Inaf do Estado do Rio Grande do Sul e o da população carcerária do Estado de São Paulo, ambos realizados em 2006. Em 2007, além do Inaf Brasil, a iniciativa mais notável deu-se no município de Campinas (SP), onde o Inaf é um dos principais indicadores utilizados por gestores educacionais e entidades da sociedade civil, signatários do Compromisso de Campinas pela Educação.

Com a maior flexibilidade para a formatação de novos testes, graças à introdução da TRI, é possível preparar testes sob medida para populações específicas, sempre com dados comparáveis com a população brasileira. A metodologia agora se presta a estudos sobre grupos populacionais específicos – como, por exemplo, os egressos de cursos de alfabetização para adultos ou os funcionários de um determinado setor da economia. Com três escalas calibradas junto à população brasileira adulta (alfabetismo, letramento e numeramento), abrem-se amplas possibilidades de comparação por região, faixa etária, escolaridade, entre outras variáveis de interesse.

Graças a estes avanços, em 2008, o Inaf foi utilizado para avaliação de um programa de educação complementar entre adolescentes das 7ª e 8ª séries no Estado de São Paulo, promovido por importante organização sem fins lucrativos em parceria com redes públicas de ensino.

A metodologia do Inaf também faz parte dos procedimentos do sistema de avaliação do Programa Brasil Alfabetizado, no qual é utilizada para acompanhar os jovens e adultos egressos dos cursos de alfabetização para verificar a retenção e desenvolvimento de suas habilidades, além de efeitos sobre sua inserção profissional, social e cultural.

Realizando seminários técnicos regulares, a equipe do Inaf aperfeiçoou também sua matriz de referência, com um maior detalhamento das habilidades mensuradas nos domínios do letramento e numeramento, reunindo

indicações para os educadores construírem sequências didáticas para o trabalho com leitura, escrita e operações numéricas.

Os dados das seis edições anteriores do Inaf foram compatibilizados e reunidos em um único banco de dados, que está à disposição de pesquisadores, que podem solicitá-lo gratuitamente no *site* www.ipm.org.br. Em breve, estará disponível o banco de dados com as sete edições, incluindo a de 2009.

Complementar às avaliações escolares, o Inaf Brasil consegue mostrar os resultados da educação escolar e continuada na população, fornecendo uma visão abrangente do problema. Permite uma visão de como a educação de forma integrada a expansão das oportunidades educacionais e a piora/ melhora da qualidade de ensino.

Abarcando o conjunto da população, o Inaf é capaz de mostrar que pouco adianta uma escola de excelência que atenda a uma minoria. Por outro lado, a massificação dos serviços escolares não pode se dar com o abandono da noção de qualidade.

Uma nova qualidade precisa ser construída, considerando as demandas de uso da leitura, escrita e matemática não só para a continuidade dos estudos, mas para a inserção, de forma eficiente e autônoma, no mundo do trabalho e do exercício da cidadania.

OS ORGA NIZA DORES

10 anos

AÇÃO DO IBOPE PELA EDUCAÇÃO **instituto paulo montenegro**

O **Instituto Paulo Montenegro** é uma organização sem fins lucrativos que desenvolve e dissemina práticas educacionais inovadoras que contribuem para a melhoria da qualidade da educação, um dos fatores que mais influenciam na diminuição das desigualdades sociais, na melhoria das condições de vida da população, assim como na inserção do país em um mercado cada vez mais competitivo e globalizado.

Com a criação, no ano 2000, do Instituto Paulo Montenegro, o Grupo IBOPE confirma sua posição como uma empresa socialmente responsável, trabalhando com programas educacionais baseados nos conhecimentos em pesquisas da empresa, produto de mais de 65 anos de experiência no Brasil.

ação educativa

A **Ação Educativa** é uma organização não governamental fundada em 1994, com a missão de promover os direitos educativos e da juventude, tendo em vista a justiça social, a democracia participativa e o desenvolvimento sustentável no Brasil. A Ação Educativa acredita que a participação da sociedade em processos locais, nacionais e globais é o caminho para a construção de um país mais justo. Por isso, alia a formação e a assessoria a grupos nos bairros, escolas e comunidades com a atuação em articulações amplas, a pesquisa e a produção de conhecimento com a intervenção nas políticas públicas.

A capacidade de realização de suas ações resulta do alto empenho de sua equipe e da confiança e colaboração de uma ampla rede de parceiros nacionais e internacionais. Compromisso com a qualidade, capacidade de inovar e articulação com atores-chave nos campos da educação e da juventude é o tripé que sustenta a história e as realizações da Ação Educativa.

